

**O CAMINHO 'NÃO TÃO PROMISSOR' DE FORMAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DOS ALUNOS/ATLETAS**

Otávio Nogueira Balzano<sup>1</sup>  
 Gilberto Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
 João Alberto Steffen Munsberg<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este texto aborda a questão da formação escolar e futebolística de alunos/atletas, no Brasil, considerados 'pés de obra' pela sociedade do futebol. Tem-se como objetivo demonstrar que o processo formativo não é tão promissor quanto aparenta. Em termos metodológicos, trata-se de estudo de cunho bibliográfico descritivo, tendo como suporte teórico contribuições de especialistas da área esportiva, 'lincando' conceitos clássicos com pressupostos advindos da decolonialidade. O trabalho evidenciou que o processo de formação escolar e futebolística prioriza o treinamento esportivo em detrimento dos estudos. Assim, em caso de insucesso no futebol, o jovem resulta marginalizado cultural e socialmente. Conclui-se ser essencial o envolvimento de todos os segmentos responsáveis pela formação - em especial a escola, o clube e a família -, trabalhando numa perspectiva que contemple a diversidade cultural e social desses alunos/atletas, tornando-os cidadãos e não apenas "boleiros".

**Palavras-chave:** Futebol. Formação escolar. Formação futebolística. 'Pés de obra'.

**ABSTRACT**

The 'not so promising' path of footballistic training for students / athletes

This text approaches the issue of student/athlete education and football formation in Brazil, from the perspective that they are considered as 'work feet' by the football society. The objective is to demonstrate that the formative process is not as promising as it seems. In methodological terms, it is a study of descriptive bibliographic nature, having as theoretical support the contributions of sports specialists, linking classic concepts with suppositions arising from decoloniality. This work showed that the process of school and football formation prioritizes sports training over studies. Thus, in case of failure in football, the youth is culturally and socially marginalized. It is concluded that the involvement of all responsible formation segments - especially the school, the club and the family - are essential, therefore they must work in a perspective that contemplates the cultural and social diversity of these students/athletes, making them citizens and not only "footballers".

**Key words:** Football. School Formation. Football Formation. 'Work Feet'.

1 - PPGEdu UNILASALLE, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail dos autores:  
 otaviobalzano@yahoo.com.br  
 gilberto.ferreira65@gmail.com  
 prof.jasm@gmail.com

Autor correspondente:  
 Otávio Nogueira Balzano.  
 otaviobalzano@yahoo.com.br  
 Rua costa, 361/804. Porto Alegre-RS, Brasil.  
 Bairro: Menino Deus.  
 CEP: 90110-270.

**INTRODUÇÃO**

Este texto aborda a questão da formação escolar e futebolística de alunos/atletas, na maioria das vezes, oriundos de situação de vulnerabilidade social, tendo como objetivo demonstrar que tal processo não é tão promissor quanto aparenta, pois os jovens são considerados “pés de obra”.<sup>1</sup>

Entende-se que no mundo globalizado, o futebol profissional é tratado como um negócio altamente lucrativo, imerso na modernidade do sistema-mundo.

Contudo, apesar de ser um esporte democrático em sua essência, praticado por pessoas no mundo inteiro, traz à tona uma série de problemas.

Em termos metodológicos, trata-se de estudo de cunho bibliográfico descritivo, apresentando a discussão do tema formação escolar e futebolística dos alunos “pés de obra” no Brasil.

Um dos maiores problemas enfrentados, principalmente no futebol brasileiro, é a estrutura vigente na formação escolar e esportiva dos alunos “pés de obra”. Essa estrutura reduz os “pés de obra” à condição de “peça” ou de “mercadoria”.

Os “pés de obra” estão inseridos em um mercado de trabalho restrito, onde o jogador passa a ser um objeto nas mãos de investidores e clubes, deixando de ser responsável por administrar a sua própria força de trabalho.

O “pé de obra” mantém-se alheio a esse processo, está sujeito à coisificação subjetiva, o que faz com que o aluno/atleta<sup>2</sup> assimile a sua existência como parte de uma “engrenagem”, vinculado muitas vezes a interesses que não os seus. Esse processo

que estabelece a relação mercadoria-jogador é a “coisificação” do ser “humano-atleta” (Giglio, Rúbio, 2013).

Isso acontece porque os “pés de obra”, no processo de formação escolar e esportiva, na maioria das vezes, não são “estimulados” a práticas de liberdade/cidadãs, como forma de posicionamento diante da estrutura que, ao mesmo tempo, valida e controla as suas carreiras.

O texto está estruturado em quatro tópicos, além desta introdução e das considerações finais.

No primeiro tópico disserta-se sobre o futebol como oportunidade de ascensão social para os “pés de obra”, envolvendo os conceitos de capital cultural e capital corporal.

No segundo, apresenta-se a difícil relação entre a escolarização e os “pés de obra”.

Neste segmento trabalha-se com o conceito de reconversão do capital cultural e o modelo vigente de “trabalho” no futebol para crianças e adolescentes.

No terceiro tópico trata-se da indústria do futebol e os “pés de obra”, fazendo a relação de (re) colonialidade do futebol com os conceitos de colonialidade do poder, de Quijano, pensamento-abissal, de Souza Santos, e sistema-mundo, de Wallerstein, na perspectiva da decolonialidade.

Também se aprofunda o conceito de “pés de obra”, de Damo.

No quarto tópico discute-se sobre a percepção da “sociedade do futebol” em relação aos “pés de obra”, dando ênfase ao conceito de pertencimento clubístico (torcedores), de Damo, e de “poder”, na perspectiva de Dijk (1999).

**Futebol como oportunidade de ascensão social para os “pés de obra”**

A ascensão social por meio do futebol mexe com o imaginário das pessoas, pois em poucos anos um adolescente pode tornar-se milionário caso tenha um bom desempenho esportivo.

Muitos meninos de famílias de classes populares jogam com o objetivo de conseguir dinheiro para oferecer uma boa qualidade de vida à família. Isso aproximou o futebol das camadas mais pobres da sociedade, tornando-o cada vez mais popular.

Difícilmente, pode-se explicar e traduzir a sociedade brasileira sem associá-la ao futebol, que é, tal como afirmam Amaral e

<sup>1</sup> Criativo neologismo elaborado por Arlei Sander Damo, em sua tese *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, para acentuar a intenção mercadológica desse processo de formação, evocando, evidentemente, a produção de trabalhadores, de “mão de obra”. Tese defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, sob a orientação de Ruben Oliven, foi escolhida como Melhor Tese da área de antropologia e arqueologia, no Prêmio CAPES, e como Melhor Tese de Doutorado do Concurso ANPOCS, 2006, prêmio que gerou sua publicação.

<sup>2</sup> Segundo Conceição (2014), o termo “aluno/atleta” é constituído para caracterizar o jovem que realiza uma prática rotineira ligada ao esporte de alto rendimento e que também desenvolve sua escolarização concomitantemente. O aluno/atleta de futebol insere-se no mercado de trabalho como “pé de obra”, alimentado por um sonho de mudança e ascensão social.

colaboradores (2007, p. 1), “[...] eterno na preferência e vive na alma do povo brasileiro”.

Damo (2005) realizou pesquisa, por meio de questionário aplicado a alunos de escolas públicas e privadas de Porto Alegre-RS, e constatou, nas respostas, que um em cada três meninos pertencentes à escola pública desejavam ser jogador de futebol.

Rocha e colaboradores (2011) consideram que o futebol é um esporte com grande prestígio no cenário nacional e internacional.

Parte deste fascínio associa-se ao grande aporte midiático que recebe. Esta ampla divulgação fomenta o surgimento de inúmeras escolinhas de futebol que, cada vez mais cedo, levam as crianças – em geral meninos de origem das camadas médias e populares –, a almejem seu desenvolvimento técnico e tático, visando uma oportunidade no restrito mercado do futebol profissional, sonhando em ter um futuro brilhante e, com o mesmo, uma ascensão financeira.

Souza e colaboradores (2008) descrevem que a crescente movimentação no mercado do futebol desperta a perspectiva de jovens pretendentes a essa formação profissional, que veem nesse esporte a possibilidade de um futuro promissor. Para os autores, na visão dos jogadores das categorias de base e de seus familiares, o investimento precoce na profissionalização no futebol se faz necessário. Este esporte aparece como um modo de ascensão social e econômica, fomentando um planejamento familiar intencional.

Soares e colaboradores (2011) dispõem que o grande interesse dos jovens com baixo capital cultural<sup>3</sup> pelo futebol, incorporado à precariedade da escola pública brasileira<sup>4</sup> e à dificuldade de ingresso no

mercado de trabalho para as novas gerações, transformam o futebol profissional em projeto familiar para aqueles que possuem um varão hábil com os pés.

Segundo Rosa (2009), esses jovens sonham com fama e dinheiro, enxergando no futebol o único caminho possível para o sucesso.

No entanto, eles não têm total conhecimento da grande dificuldade que existe no início dessa jornada em que a minoria alcança a carreira profissional.

O professor Conceição (2014) completa a discussão, ao elucidar que os clubes formadores atraem inúmeros jovens no Brasil que se deslocam de regiões remotas na busca de um sonho, projeto que envolve familiares e que também significa, em muitos casos, o distanciamento do meio social primário.

Na idade de 13 a 20 anos, as escolhas como a saída de casa, a necessidade de amadurecimento rápido, o convívio com inúmeras diferenças e novas regras, levam o jovem a tornar-se um atleta.

Ao mesmo tempo, em relação a essa faixa etária, a legislação obriga ao atleta em idade escolar, estar em sala de aula completando sua escolarização básica. Dessa forma, deve-se considerar a influência que o contexto familiar tem sobre as escolhas que esses jovens fazem quanto a investir a sua juventude nos campos de futebol ou nos bancos escolares.

Para a professora Rosa (2009), caso um atleta não seja selecionado, este poderá ter que abandonar a carreira involuntariamente por falta de uma equipe que o acolha.

Alguns podem acabar em subempregos, outros à margem da sociedade, ou até mesmo em vícios decorrentes desse fracasso e dessa desilusão, principalmente pela falta de capital cultural original como também, devido ao abandono escolar.

Conforme Soares e colaboradores (2011), todo o investimento de tempo na formação esportiva pode influenciar a qualidade da dedicação à escola.

Além disso, caso os atletas sejam mal sucedidos no esporte, dificilmente o capital corporal<sup>5</sup> adquirido em anos de formação

<sup>3</sup> Capital cultural é o conjunto de prioridades adquiridas pelo indivíduo, identificadas sob a forma de conhecimentos e habilidades adquiridos na família ou na escola. Partindo deste conceito para Bourdieu, às crianças nascidas em famílias de melhor condição financeira, levam vantagem na disputa escolar com as crianças oriundas de famílias carentes (Bourdieu, 1998, p. 50).

<sup>4</sup> Dados sobre a precariedade do ensino público no Brasil podem ser esclarecedores do quadro que estamos descrevendo: o percentual de repetência de alunos é de 20,6%, a maior da América Latina. A formação dos professores do ensino básico é insuficiente. Dos professores de 1ª a 4ª série, apenas 47% têm diploma universitário; destes, apenas 43% têm diploma em licenciatura. De cada 100 crianças matriculadas na 1ª série do ensino fundamental, 88,6% chegam à 4ª série, 57,1% à 8ª série e 36,6% ao 3º ano do ensino médio.

(Observação: estes dados são anteriores à Lei nº 11.274/06, que regulamentou o ensino fundamental de nove anos) (Soares e colaboradores, 2011).

<sup>5</sup> Damo (2005, p. 105) emprega uma interessante versão do conceito de capital corporal associada à categoria nativa de dom. Para ele, existiria um “capital futebolístico”:

futebolística converter-se-á em outras oportunidades de carreira no mercado de trabalho.

Como se percebe, futebol é oportunidade de ascensão social, mas pode se tornar fracasso pessoal. E isso acontece porque, no auge da sua formação escolar e na condição juvenil de desenvolvimento, os jovens não são preparados e devidamente orientados a buscar alternativas e outras experiências de ocupação fora e além do futebol.

### **A escolarização e os “pés de obra”**

A permanência na escola dos jovens atletas futebolistas vem diminuindo cada vez mais no decorrer dos anos<sup>6</sup>. Muitos meninos sonham em ter um futuro brilhante no futebol, e com o mesmo uma ascensão financeira.

Contudo, após ingressarem em uma equipe de futebol, visando uma oportunidade de crescimento, muitas vezes acabam abandonando os estudos e não chegam a concluir o Ensino Médio.

Para elucidar essa situação, os pesquisadores Marques e Samulski (2009) realizaram pesquisa com jovens atletas promissores do futebol brasileiro para verificar sobre o nível escolar que esses atletas cursaram ou estão cursando.

A soma dos percentuais desde a 1ª série do Ensino Fundamental até a 2ª série do Ensino Médio indica que pelo menos 53,2% dos atletas estão defasados em relação à série correspondente à sua idade.

A escola regular é hoje a principal responsável pela formação integral dos alunos, principalmente pela dificuldade da presença dos pais em casa, decorrência de seus compromissos profissionais, e da desagregação de muitas famílias. O caso dos “pés de obra” é ainda mais grave, pois muitos advêm de outras cidades, estados e até países.

Para a falta de interesse pela escola, dos jovens “pés de obra” de classes populares, relaciona-se possivelmente ao desconhecimento dos benefícios que podem ser adquiridos com a aplicação nos bancos escolares.

A interrupção das atividades escolares pelos “pés de obra” devido à formação futebolística exacerbada acarreta, segundo o professor e doutor em futebol Élio Carravetta, reduções nas representações mentais, nos processos de análise das informações, no desenvolvimento da capacidade de compreensão e nos mecanismos de comunicação.

Para Freitag (2001), a ausência deste instrumento essencial aos homens, “a educação”, acarreta-lhes certa incapacidade emocional e intelectual para enxergar a complexa realidade e exigências presentes no mundo contemporâneo.

Damo (2005) relata que os capitais futebolísticos são praticamente impossíveis de serem reconvertidos para além do futebol, fazendo com que os investimentos realizados ao longo da formação tornem-se inúteis em caso de interrupção desse processo.

A escolarização desses jovens atletas pode ser prejudicada, considerando que a maioria possui baixo capital cultural, e aqueles garotos que não conseguem estabelecer-se no futebol, mais tarde, encontram dificuldades para inserir-se em outra esfera do mercado de trabalho e fazer a necessária “reconversão do capital cultural”<sup>7</sup>, visto que nos anos em que deveriam estar estudando, treinaram para jogar.

Estes atletas participam de um processo de socialização profissional, aprendendo técnicas e comportamentos exigidos para a carreira, com ênfase na aquisição de um “capital corporal”.

Nesse sentido, Melo (2010) constata que a carga horária que um atleta em formação dedica ao futebol em pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Trata-se de uma modalidade de capital corporal que, combinada aos capitais convencionais - social e simbólico, sobretudo -, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo. A noção de capital futebolístico é pensada tanto a partir da noção bourdieuana de capital quanto do dom, tido como sinônimo de talento em uma de suas acepções."

<sup>6</sup> Ver Bossle e Lima (2013), entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências. Caderno de Educação Física e Esporte. Marechal Cândido Rondon. Vol. 11. Núm. 1. p. 35-43. 2013.

<sup>7</sup> A reconversão do capital cultural que é a reconversão do capital futebolístico, adquirido pelos atletas durante os anos de treinamento no futebol, em capital cultural. Esse processo de reconversão os auxiliaria a se inserirem no mercado de trabalho formal, após um insucesso no futebol, sendo um fator importante no destino que esses jovens tomarão depois de não conseguirem um posto de trabalho no mercado futebolístico (Soares e colaboradores, 2008).

<sup>8</sup> O autor demonstra que o tempo de treinamento exigido para as categorias de base, desde o sub-13 ao sub-20, pouco difere. O tempo semanal dedicado a escola

Na mesma linha de raciocínio, Damo (2005) relata que a busca por esta profissionalização pode ser iniciada antes mesmo dos 12 anos de idade, e implica aproximadamente 5 mil horas de práticas corporais específicas ao longo de 10 anos, o que podemos considerar quase um trabalho infantil<sup>9</sup>.

Esses fatos mostram que milhares de jovens aspirantes à condição de atleta de futebol profissional, caminham rumo a uma “rua sem saída”.

Segundo o estudo de Soares e colaboradores (2011), os postos de trabalho bem remunerados no mercado do futebol são escassos e, além disso, alguns largam a escola, poucos chegam a profissionalizar-se, e raros concluem o Ensino Superior.

Loureiro (2007) entende que é importante ressaltar a contradição por parte das atitudes dos atletas em deixar de frequentar a escola, por como obrigação e cobrança e não como um direito constitucional. Para a autora, a frequência do adolescente à escola, além de ser um direito básico a ser garantido pelo governo, enriquece o desenvolvimento do jovem adolescente como cidadão e suas relações com o contexto social.

---

(frequência as aulas e deslocamento) está em torno de 25 horas e para o futebol (treinamento, deslocamento e jogos) o tempo também está na casa das 25 semanais para todas as categorias (Melo, 2010).

<sup>9</sup> Somente a partir dos dezesseis anos de idade é que o adolescente – conforme o ECA; Capítulo V, Art. 65. Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários pode ter contrato de trabalho seguindo as seguintes regras contidas na Lei Pelé Capítulo III Parágrafo único: O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado: I – de modo profissional, caracterizado por remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre atleta e entidade de prática desportiva; II – de modo não-profissional compreendendo o desporto: a) semiprofissional, expresso em contrato próprio e específico de estágio, com atletas entre 14 e 18 anos de idade, e pela existência de incentivos materiais que não caracterizem remuneração derivada de contrato de trabalho e b) amador, caracterizado pela liberdade de prática e pela inexistência de qualquer forma de remuneração ou de incentivos materiais para atletas de qualquer idade (1998). Ainda como forma de caracterização e como forma de assegurar e garantir direitos em 01/12/2005 o Decreto nº 5.598 (Lei do Aprendiz - Capturado do site [www.prattein.com.br](http://www.prattein.com.br) em 18/05/2007), define como aprendizes os jovens situados entre quatorze e vinte e quatro anos. Alinhado ao ECA, o Decreto estabelece que, ao aprendiz com idade inferior a dezoito anos, deve ser assegurado o respeito à sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento (Loureiro, 2007).

Sabe-se que não está errado sonhar em ser jogador profissional, nem convergir esforços na tentativa de atingir essa meta. Mas, ainda que os menores e as famílias não percebam totalmente, o Estado, os clubes, os profissionais e os seus empresários sabem das mazelas dessa busca, da dedicação quase integral, do número quase irrisório de vagas para a carreira da bola e ainda da necessidade que é imposta aos jovens que se vêm obrigados a deixar a escola, já que não conseguem conciliá-la com as exigências como a dos treinos pesados.

É na escola e no clube que esse jovem passa o maior tempo do seu dia, sendo o clube um ambiente de cunho profissional. Então, a escola principal espaço em que os “pés de obra” podem encontrar uma formação humana diferenciada para a vida, é relegada a um segundo plano.

Assim, segundo Mello (1997), as escolas, além de valorizar as disciplinas básicas, deveriam trabalhar com conteúdo sociais e culturais locais: áreas do conhecimento que contemplassem os direitos humanos, preservação do meio ambiente, igualdade racial e sexual, direito do consumidor, entre outros, para atingir interesses da maioria da população.

A influência da família, dos empresários, dos profissionais do futebol e principalmente da mídia, para que estes garotos venham a sonhar em tornar-se estrelas do futebol, os fazem pensar que são uma delas, bem antes de tornarem-se uma estrela.

Esses futuros jogadores de futebol, sem as condições de formação adequada na idade certa, estão mais preocupados com roupas, baladas, acessórios, tatuagens, celulares, do que com uma formação esportiva pautada na formação integral do homem, alicerçada pela cultura brasileira de futebol<sup>10</sup>.

Santos (2000, p. 54) corrobora afirmando:

---

<sup>10</sup> “[...] uma característica inerente aos brasileiros ‘jogar bola’ de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar tal esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano. É a esse futebol, construído basicamente nos anos que vão de 1930 a 1974, que designamos ‘futebol-arte’” (Gil, 1994, p. 100). O futebol-arte é caracterizado, entre outros fatores, pelo jogador que de forma individual desequilibra a partida com lances de rara habilidade técnica, possuidor de uma inteligência apurada de jogo (Paoli, 2007).

Na esfera da sociabilidade, os indivíduos dão adeus à solidariedade, à generosidade e à emoção, pois “levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação, galopante, de uma ética pragmática individualista.

Diante de tal cenário, os indivíduos acabam por constituir o “outro” como “coisa”, e os comportamentos discriminatórios tornam-se, então, uma das marcas da sociabilidade atual. Trata-se da coisificação do sujeito.

### **A indústria do futebol e os “pés de obra”**

A partir do final dos anos 1980, os europeus, numa espécie de “(re) colonialidade” [termo nosso]<sup>11</sup> da América Latina e do continente africano, conseguiram recolonizar mais esse aspecto da cultura popular brasileira, o futebol. E o fizeram comprando os melhores jogadores do mundo, sobretudo da América do Sul e da África, ruindo com o futebol nesses dois continentes, como, já haviam arrasado outros elementos dessas culturas no tempo da colonização predatória e escravista.

Com a “(re) colonialidade” do futebol brasileiro no final do século XX, os centros de treinamento de formação de atletas começaram a “produzir”<sup>12</sup> jogadores no modelo europeu, no estilo “futebol força”<sup>13</sup>,

com o intuito de comercializar os atletas para esse mercado.

A mudança no estilo brasileiro de jogar tornou-se mais evidente nos anos 90 do século passado, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotaram novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática das equipes em campo. Essa visão “moderna”<sup>14</sup>, adotada pelos clubes na formação de jogadores no Brasil, remete, mais uma vez, à perspectiva de colonização futebolística do início do século XX.

Nessa época, os europeus introduziram o futebol no Brasil e os brasileiros “copiavam” o seu estilo de jogar, até criar, no início dos anos 30, o próprio estilo – o futebol arte.

Agora, nos anos 80, os europeus apropriaram-se dos conhecimentos futebolísticos brasileiros e os transformaram para sua realidade, depois disponibilizando aos brasileiros para o consumo, através da mídia e do mercado esportivo, como se fossem a referência futebolística mundial.

Esse movimento praticado pelos europeus no futebol relaciona-se com o conceito de pensamento-abissal<sup>15</sup> do professor português Boaventura de Souza Santos (2007). Segundo o autor, o lado norte (europeu moderno) apropria-se do conhecimento do lado sul (dos sul-americanos subdesenvolvidos), transforma em “ciência” e depois comercializa esse conhecimento em forma de “produto” com o lado sul.

<sup>11</sup> Termo utilizado por nós para fazer alusão à chegada do futebol no Brasil, no final do século XIX, que, como no final do século XX, foi um exemplo da sedução pela cultura colonialista e do fetichismo cultural que o europeu criou em torno de sua cultura. Naquele momento (final século XIX) estavam aparecendo os primeiros “chutes” de colonialidade no futebol brasileiro, pois, de acordo com Rodrigues (2004), na virada do século XIX para o XX, o futebol e as modas europeias faziam parte dos ideais civilizatórios.

<sup>12</sup> Com a criação da Lei Pelé e o caso Bosman na Europa surgem novas regras para as transações comerciais dos jogadores. O novo mapa cria facilidades e benefícios para todos os atores envolvidos nas transações. Em outras palavras, ocorrem ganhos financeiros para todas as partes envolvidas a cada negociação: jogadores, empresários, times, patrocinadores, entre outros. É uma situação em que todos ganham (Souza e colaboradores, 2008).

<sup>13</sup> O futebol brasileiro é intuitivo, artístico, espetáculo, natureza, individual, dom, agilidade, habilidade, malandro, improvisado, jogo, dionisíaco, barroco, “futebol-arte”. Por outro lado, o futebol europeu é racional, eficiência, competitivo, cultura, coletivo, aprendizado, rigidez, força, apolíneo, clássico, escola, “futebol-força” (Damo, 2002, p. 125). No futebol-força, o preparo físico dos jogadores é exaltado como a principal qualidade, porém muitas vezes as equipes que praticam esse tipo de futebol, também chamado de futebol de resultados, não empolgam seus

torcedores. Jogadas de efeito, dribles e tabelas tornam-se raras (Giglio, 2003, p. 33).

<sup>14</sup> Segundo Rodrigues (2004), é chamado de “modernização do futebol”, o período do final dos anos 1980, que se caracteriza pelo crescimento de recursos financeiros no futebol, televisionamento das partidas ao vivo, crescimento no nível salarial dos jogadores e êxodo de jogadores brasileiros para o futebol europeu. Para o autor, a modernização do futebol possibilitou a comercialização do espetáculo futebolístico, a introdução da publicidade ao redor do gramado, nas camisas dos times e o televisionamento ao vivo de partidas de futebol.

<sup>15</sup> O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o “outro” (Santos, 2007, p. 73).

Outro conceito que podemos relacionar com a “(re)colonização do futebol”, é a teoria do sistema-mundo que Immanuel Wallerstein desenvolveu na década de 1970.

Segundo o sociólogo estadunidense (Wallerstein, 2005), essa teoria salienta que o mundo, e não os Estados/nação, deveria ser a unidade principal de análise social. Sistema-mundo refere-se à inter-regional e transnacional divisão do trabalho, que divide o mundo em países centrais, países semiperiféricos e países da periferia. Os países centrais concentram maior capital na produção e técnicas e o resto do mundo concentra na baixa qualificação, produção e extração de matérias-primas, reforçando constantemente o domínio dos países centrais.

Como exemplo do sistema-mundo e da “(re)colonização do futebol”, Melo (2014) cita a influência e o domínio sobre o futebol da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação), no início dos anos 80 do século XX, quando o brasileiro João Havelange assumiu a presidência da entidade e mudou radicalmente a postura da organização: passou de uma mera associação esportiva para uma entidade com visão empresarial, o que rendeu contratos bilionários e lucros exorbitantes.

Segundo Melo (2014), o controle da FIFA sobre as federações nacionais inibe o surgimento de alternativas dentro da própria associação, forçando, assim, os países filiados a seguirem à risca as determinações da entidade e, em consequência, do chamado “futebol moderno”.

Também se faz a relação desse domínio europeu no futebol, caracterizado como “moderno”, com o conceito de colonialidade do poder, lançado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, em 1989.

Segundo Quijano (2005), o termo faz alusão à invasão do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. Dessa forma, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. A colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos.

Essas mudanças no futebol brasileiro ocorreram a partir da globalização, e o esporte hoje é uma das maiores expressões deste fenômeno. A globalização vem transformando o futebol cada vez mais em negócio.

Segundo Rodrigues (2004), esse fato ficou mais evidente a partir da década de 90 do século passado. Nesta década, o futebol foi transformado num elemento fundamental da indústria do entretenimento. Desde então, o futebol (jogadores, treinadores, clubes), vem sendo utilizados como “mercadoria”, um objeto a ser vendido para o público.

Conforme o escritor Gastaldo (2009, p. 2):

O futebol no Brasil é hoje (e tem sido nos últimos cinquenta anos) uma atividade de enorme importância social, cujas consequências transcendem as linhas do campo de jogo, tornando-se mesmo questões de Estado. Os valores e número de pessoas envolvidas com este esporte chegam ambos à casa dos milhões. Milionárias também são as cifras ostentadas pelo mercado midiático. Assim como o futebol, a mídia possui uma importância social que supera largamente a dimensão do “reclame” e dos segundos em que produtos são anunciados e notícias são veiculadas. O dinheiro proveniente da veiculação dos anúncios sustenta toda a mídia: cada emissora de rádio, jornal, revista ou rede de televisão “comerciais” depende, para sua sobrevivência no mercado, da chamada “verba publicitária”. A par deste papel de “mola-mestra” do sistema da mídia, a publicidade ainda exerce uma enorme influência na cultura contemporânea, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo capitalista.

Contribuindo com tal posicionamento, Favero (2009) coloca que o futebol hoje é puro negócio, enquanto os jogadores são as “mercadorias”. Entidades internacionais reguladoras do esporte, como a FIFA e a Conmebol (Confederação Sul-americana de Futebol) organizam o futebol sempre visando o lucro.

O jogador acaba sendo uma mercadoria que pode ser negociada em qualquer lugar do mundo, independentemente das leis trabalhistas de qualquer país. Os jogadores são tratados como mercadoria pela indústria cultural.

Desta forma, o jogador que tiver a sua força de trabalho corporal reconhecida no meio futebolístico, aumenta as chances de transformar seu saber corporal em maior rendimento financeiro.

Existe um mercado do futebol com pouca mobilidade dos atletas para clubes de

diferentes divisões. O mercado com maior aporte financeiro é o europeu e, este fato está influenciando diretamente a formação dos “pés de obra”, principalmente no Brasil.

Antes, o discurso comum entre profissionais do futebol, mídia e torcedores, era que os jogadores brasileiros se destacavam como os mais hábeis e criativos do futebol mundial, imagem que apresentou o futebol brasileiro para o mundo, conhecido como “futebol arte”.

Hoje, os centros de treinamentos estão formando jogadores com características apropriadas para o futebol europeu: ênfase na força física, na grande competitividade, na maior obediência aos esquemas táticos e nos jogadores com mais senso coletivo, o denominado “futebol força”.

Em consequência, o jovem jogador brasileiro está perdendo sua cultura futebolística, os formadores de jogadores (técnicos, coordenadores, preparadores dos clubes) estão europeizando os “pés de obra”, buscando a formação de “mercadoria” para o consumo europeu.

A influência eurocêntrica na cultura futebolística brasileira, colocada pela mídia como influência “moderna”, está levando os clubes de formação a consolidar uma proposta mercantilista na formação de jogadores de futebol, ao considerar que a perspectiva do lucro está em primeiro lugar, sobrepujando a formação do homem. Nesse contexto, o esporte mais popular do mundo marchou para o caminho da elitização.

Além disso, para Melo (2014), alguns teóricos, como Antezama (2003) e Villena Fiengo (2003), acreditam na transnacionalização<sup>16</sup> do futebol, acabando com as peculiaridades futebolísticas de cada país; a ginga, a habilidade e a “malandragem”

brasileira, o rigor tático europeu, a velocidade dos asiáticos e a força física dos africanos.

Conforme Soares e colaboradores (2011), para tornar-se jogador profissional não basta apenas o capital futebolístico. Outras competências são necessárias ao longo do processo de formação. Para os autores, além de suportar o regime de treinamento intenso, o atleta deve ter comportamento adequado à cultura do esporte (ser obediente aos superiores) e contar com um bom agenciamento comercial para ter acesso aos poucos postos de trabalhos disponíveis.

Percebe-se que o processo de formação do jogador de futebol é especial, exigindo um grande sacrifício por parte dos “pés de obra”.

Conforme Damo, normalmente os “pés de obra” são adolescentes, boa parte vinda de grupos populares, investidos por representações de masculinidade que os fazem propensos aos desafios que o futebol exige, dentro e fora de campo. A carreira começa efetivamente, e por vezes termina, num centro de formação. Uma vez integrados a esses centros, os jovens são solicitados de corpo e alma, e muitas vezes distanciam-se de outras modalidades de interação às quais são sujeitos garotos de suas idades, tais como, escolarização, entretenimento, amizades etc.

Nesse sentido, percebe-se que o caminho até o profissionalismo acontece por meio de um longo processo seletivo e difícil, que os jovens “pés de obra” têm de percorrer.

Este processo, para Marques e Samulski (2009), é extremamente conflituoso e, muitas vezes, envolve uma série de obstáculos como a separação da família e do seu meio social, a dificuldade de continuação dos estudos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições e a incerteza quanto à continuidade de sua carreira profissional.

Para confirmar a descrição acima, Rodrigues (2004) realizou uma pesquisa, na qual revelou que os principais sacrifícios na formação do jogador de futebol são as concentrações (50%), a renúncia à vida pessoal (26,8%) e os treinamentos excessivos (23,2%).

Segundo Rodrigues (2004), as concentrações podem ser entendidas como uma forma de controle total do atleta implicando no domínio do corpo e da alma.

Mas o problema é que grande parte dos atletas que chegam à categoria sub-20 não são aproveitados pelo mercado, pois,

<sup>16</sup> Essa transnacionalização teria um conjunto de dimensões que, no entanto, encontra uma unidade fundamental ao analisar as novas formas de articulação que o futebol tem com os setores que compõem a configuração tripartite da sociedade: mercado, política e sociedade (ou mundo da vida). A globalização do futebol não implica apenas a transnacionalização de seu campo, mas também, fundamentalmente, que ele começou a separar - institucionalmente - do campo político (articulação que possibilitou o uso nacionalista do futebol) e da sociedade civil, para ceder sua independência às leis do mercado global. Como consequência, os valores humanistas específicos associados a esse esporte, inspirados pelo olimpismo reciclado como fair play, já desvalorizados pela lógica nacionalista que foi imposta por um longo tempo, estão agora subordinados às leis da economia de mercado (Villena Fiengo, 2003, p. 260, tradução nossa).

segundo a pesquisa de Amaral e colaboradores (2007), de cada 1000 jovens interessados somente 2 ou 3 chegam a iniciar e desses, somente 0,3% concretizam o sonho de ser um jogador de futebol.

Esses 0,3% que alcançam a carreira profissional, segundo a pesquisa de Amaral e colaboradores (2007), uma boa parcela abandona a carreira pela falta de pagamento, a instabilidade no emprego, os baixos salários recebidos, a distância da família e as graves lesões.

Já os jovens que conseguem manter-se nesse ambiente das categorias de base, que os prepara para o mercado de futebol, principalmente o de trabalho no futebol brasileiro, passam pelo problema de ter um mercado limitado, uma vez que não há expansão, pois um número pequeno de clubes participa das principais competições nacionais em comparação com o número de profissionais.

Damo (2005) completa as informações, apontando que o mercado do futebol no Brasil é formado por 800 clubes filiados à FIFA, sendo que apenas 2,5% desses clubes possuem a preferência de 90% dos consumidores do espetáculo futebolístico.

Tal preferência indica que o potencial de exploração dos produtos que os clubes podem vender junto ao público consumidor (torcedores) é desigual e reduz significativamente os postos de trabalho mais bem valorizados economicamente.

Soares e colaboradores (2011) afirmam que, considerando que um clube que possui em média 26 jogadores na sua equipe principal, ter-se-ia em torno de 520 postos de trabalho na parte mais valorizada do mercado, isto é, os 20 principais clubes no Brasil que disputam o campeonato nacional da primeira divisão.

Outro problema que esses jovens “bem-sucedidos” no processo de formação no futebol brasileiro enfrentam é a questão dos baixos salários de jogadores no Brasil, considerando os sonhos de mobilidade social e econômica desses jovens, em sua maioria oriundos das camadas populares e médias.

Conforme Soares e colaboradores (2011), os dados disponibilizados em 2009 pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) mostram que 84% dos jogadores, de todas as divisões do futebol profissional no Brasil, recebem salários de até um mil reais, 13% recebem entre mil e nove reais e apenas 3% recebem acima disso por mês.

Segundo a CBF (2009), a pirâmide salarial dos jogadores profissionais no Brasil não mudou muito nos últimos oito anos.

Para Soares e colaboradores (2011), a pirâmide salarial do futebol brasileiro está longe de ser o oásis da riqueza ou da mobilidade econômica tão sonhada pelos jovens brasileiros.

Entretanto, a divulgação desses dados (em pequena quantidade pela mídia) parece não desestimular a busca pela profissionalização no futebol, que ainda continua sendo um sonho, dos jovens nas categorias de base no Brasil, principalmente visando a tornarem-se jogadores de grande prestígio na Europa.

Para Soares e colaboradores (2011), a crescente demanda de transferências de jogadores brasileiros para o exterior é produto de vários fatores: o limite de empregabilidade do mercado interno; os interesses competitivos e financeiros dos clubes estrangeiros com maior capital financeiro; a relação custo/benefício na importação desses serviços especializados; a formação de um corpo de empresários ávidos a realizar negócios nos diferentes países, credenciados ou não pela FIFA; e o mecanismo de solidariedade criado pela FIFA, no ano de 2001<sup>17</sup>.

Esse cenário criou um tipo específico de produção de jogadores que visa prioritariamente o mercado exterior. Os jovens recrutados para os centros formadores passam a ter como meta profissional a emigração para outros países.

Soares e colaboradores (2011) citam como exemplo que no ano de 2008<sup>18</sup> em que foram realizadas 1.176 transferências de novos atletas no mercado internacional e 659 jogadores retornaram ao Brasil. Esses dados mostram que o fluxo de emigração de jogadores brasileiros para o exterior tornou-se um dos objetivos dessa “indústria” ou agência de formação profissional de jovens em nossa

<sup>17</sup> O mecanismo de solidariedade estimula a formação de mão de obra para o mercado profissional. A nova legislação recompensa financeiramente todos os clubes formadores por onde o atleta passou dos 12 aos 23 anos com 5% do valor bruto das transações (0,25% da transferência por cada ano de formação entre os 12 e os 15 anos; 0,5% por cada ano dos 16 aos 23). Notemos que esse mecanismo estimula a continuidade do sistema atual, pois, em alguma medida, distribui os ganhos com a venda do atleta. Todos ganham: jogador, empresários, clube formador, grandes clubes importadores que continuam a captar talentos descobertos em diversos países.

<sup>18</sup> Dados e percentuais construídos a partir da lista de transferências da CBF. Disponível em: [www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br).

sociedade. A ampliação dos postos de trabalho, com as novas perspectivas do mercado internacional, aumenta a demanda por jovens dispostos a ingressar no regime de treinamento dos clubes de futebol.

Segundo Soares e colaboradores (2011), o sonho dos jovens das categorias de base no futebol brasileiro que pretendem jogar na Europa, está longe das estatísticas de riqueza. O mercado de futebol europeu é o que absorve a maior parte dos jogadores brasileiros exportados, mas o destino dessa massa são clubes europeus de segunda e terceira divisões ou países (Suécia, Grécia, Albânia, Malta, Bélgica, etc.) em que a remuneração está aquém dos altos salários do futebol. Os autores Giglio e Rúbio (2013, p. 14) complementam tal entendimento ao exporem como os jogadores são tratados no mercado de futebol:

Os jogadores estão vinculados a uma dupla condição: pessoa e mercadoria. Essa dualidade faz com que os jogadores possam ser tratados como "commodity". Esse duplo estatuto faz com que os jogadores fiquem reféns do sistema que os sustentam, pois qualquer contestação pode representar dificuldades de circulação dentro do sistema do futebol profissional.

O jogador perde parte considerável do controle sobre seu corpo e sua vida, em detrimento do crescimento do controle que os clubes assumem sobre ele.

Segundo Giglio, Rúbio (2013), esses jogadores são tratados como mercadoria, pois o seu "valor" será estabelecido pelo uso do corpo e por meio de suas técnicas corporais que definirão quanto ele vale. Para os autores, uma das condições de ser um atleta é possuir saberes dentro de seu corpo (capital corporal), o que os atletas literalmente trazem incorporado - seu valor de uso e, dessa forma, o valor de troca, que converte o objeto em mercadoria, traduzido por meio do uso de seu corpo e do que é capaz de produzir enquanto força de trabalho, transformando o "pé de obra" em "coisa".

Os jogadores que possuem algum posicionamento crítico, e enfrentam essa estrutura, sofrem com as consequências de um sistema capaz de expeli-los, pois dificilmente algum clube aceitará ter um desafio declarado de uma estrutura que valida a profissão de futebol.

### **A percepção da 'sociedade do futebol'<sup>19</sup> em relação aos pés de obra**

Inicia-se este tópico com duas indagações: seria interessante para mídia, patrocinadores, clubes e para quem está no poder<sup>20</sup>, que os protagonistas (jogadores) do esporte mais praticado e assistido no mundo tenham voz? Não seria interessante para os segmentos citados acima que a formação dos jogadores de futebol continuasse da mesma forma?

Tem-se a impressão de que o lugar do futuro jogador de futebol é no campo e não na escola. Jogador de futebol tem que jogar e não pensar. Jogador de futebol deve treinar para ser um "produto" que conquiste títulos e lucros para suas equipes, torcedores e empresários. Jogador de futebol não precisa estudar como os outros alunos.

Nessa linha de pensamento, a professora Loureiro (2007) destaca que os torcedores enxergam os jogadores como "máquinas", visualizando apenas seu desempenho esportivo, na intenção prioritária da vitória de seus times. Segundo a autora, grande parte da sociedade do futebol, sem fazer uma análise mais profunda, exige do jogador de futebol pouca capacidade intelectual, esquecendo que os mesmos atletas que defendem seus times também são cidadãos e que, portanto, seus direitos devem ser garantidos igualmente, assim como o direito à educação dos jovens atletas, que

<sup>19</sup> Formada por jogadores, jornalistas, torcedores, empresários, familiares e amigos dos jogadores, árbitros e amantes do futebol – sem distinção de raça, gênero ou orientação sexual –, que de alguma forma circundam o meio futebolístico.

<sup>20</sup> A maioria das pessoas só tem controle ativo sobre a fala cotidiana na frente de membros da família, amigos ou colegas, com apenas controle passivo, por exemplo, o uso da mídia. Em muitas situações, as pessoas comuns são um alvo mais ou menos passivo para o texto ou fala, por exemplo seus líderes e professores, ou de autoridades como a polícia, os juizes, os burocratas do Estado ou os fiscais, que podem simplesmente dizer-lhes o que devem ou não acreditar ou fazer. Por outro lado, membros de grupos ou instituições socialmente mais poderosos têm acesso mais ou menos exclusivo e controlam um ou mais tipos de discurso público.

Assim, os professores controlam o discurso acadêmico, o discurso educacional institucional, os jornalistas, o discurso da mídia, os advogados, o discurso jurídico, e os políticos, o discurso do planejamento e outros discursos de viés político. Aqueles que desfrutam de mais controle sobre discursos cada vez mais influentes (e sobre mais propriedades discursivas) também são, por essa definição, mais poderosos (Djik, 1999, p. 27, tradução nossa).

abrem mão de sua infância e adolescência nos clubes de futebol.

Damo (2008, p. 145) continua na temática ao explicitar que

[...] este cenário pós-moderno, afeta diretamente os torcedores e sua relação com os jogadores, pois o seu “pertencimento clubístico<sup>21</sup> está alicerçado em um contrato perpétuo, na contramão da modernidade”. “O privilégio que esse sistema mercadológico concede aos jogadores gera desconfiança entre os torcedores”.

Para o autor, na visão dos torcedores, os jogadores recebem seus salários mesmo quando o time perde, deixando os torcedores expostos aos gracejos de seus rivais. Os torcedores toleram determinados fracassos, desde que não sejam frequentes a ponto de comprometer a reputação do clube. Sobre isso, Loureiro (2007, p. 1) acrescenta:

[...] são esses mesmos que esperam resultados positivos de seus atletas (neste caso não apenas torcedores, mas também as instituições futebolísticas) os que criticam quando jogadores de futebol, “jogam fortunas pela janela”, ou vão à televisão e falam alguma “bobagem” com comentários que são pessoas sem conhecimento, chamadas, muitas vezes, de ignorantes.

Os “pés de obra” seguem a cultura de uma sociedade que acredita na desnecessidade do jogador de futebol frequentar a escola. Esta cultura está intrínseca nesses jovens atletas, esquecendo que a educação faz parte da formação do ser, não apenas para si próprio, mas também para as relações e maior capacidade de reflexão quanto à sua posição na sociedade. E, segundo a Constituição brasileira (Art. 208/),

<sup>21</sup> Segundo Damo (2005, p. 50), “[...] o pertencimento é herdado, salvo raras exceções, da parentela masculina sanguínea (avô, pai, tio, irmão), ou de amigos tão próximos que, do ponto de vista afetivo, são significados como parte da família – razão pela qual chamamos de “os clubes do coração”. O clube é uma entidade sagrada: por representar a coletividade; por ser o elo temporal entre o passado, presente e futuro; por espelhar pertencimentos extra futebolísticos e, sobretudo, por ser uma projeção, no indivíduo, dos afetos familiares. Torcer por um clube de futebol é a chave para entrar no universo dominado pelo movimento e pela prática corporal, requisitos indispensáveis para qualquer esporte. O domínio dos códigos do futebol possibilita ao indivíduo ter acesso a certas discussões que ocorrem sobre o tema, garantindo momentos de intensa sociabilidade.”

“O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade (...)” (1998).

No que se refere à formação dos professores de Educação Física, Homrich e Souza (2013) ressaltam que os cursos universitários baseiam suas concepções de ensino do futebol na teorização, no método e na sustentação científica. Para os autores, os pilares de sustentação, o arcabouço teórico, advém hegemonicamente das bases científicas do treinamento desportivo europeu.

Daí que o resultado é “[...] um ensino técnico, instrumentalizado, com uma metodologia de ensino embasada a partir de uma tendência, empírica (pressupondo o mundo da prática) e analítica (possibilidade de sua descrição, a teoria)” (Homrich, Souza, 2013, p. 54).

Essa concepção eurocêntrica de formação dos profissionais de Educação Física reflete-se diretamente no processo de desenvolvimento dos “pés de obra” na escola e no clube. Assim, estes se tornam jogadores “boleiros”. Geralmente os boleiros estão mais preocupados com roupas, festas, carros, bijuterias, tatuagens e estar sempre em foco.

Mas isso tudo leva a uma grande ilusão, e conseqüentemente ao insucesso naquilo que planeja para seu futuro. Os jogadores boleiros não se importam com o comportamento dentro das instituições. Eles estão mais preocupados com sua aparência do que ser uma boa pessoa para todos, independentemente do cargo que ocupam.

No sentido de uma mudança dessa realidade, traz-se a contribuição de Wallerstein (2006, p. 146):

Requer-se uma mudança de estado, já que os pilares da sociedade contemporânea ainda repousam na uniformização, característica fundamental do estado moderno, que nega sistematicamente a diversidade e outras formas de enxergar o mundo. Vive-se um momento de mudança de época e de crise das instituições modernas, por isso a luta pelo reconhecimento da modernidade é ainda difícil.

A diversidade é ocultada para estabelecer-se um padrão, que se opera por um encobrimento de outras formas de pensar e compreender o mundo, fixando-se numa hegemonia filosófica e cultural europeia.

O mundo atual exige que a escola, a universidade e o clube, desenvolvam propostas de educação para a cidadania, na perspectiva de desenvolver competências que habilitem os “pés de obra” a construírem a sua identidade e modificarem a realidade que os trata como mercadorias.

Nesse contexto, cabe considerar que a educação escolarizada e universitária exige um tratamento do conhecimento diferenciado do mercado, pois se não mudarem essa tendência, a escola e a universidade correm o risco de perderem sua função social.

## CONCLUSÃO

Este texto tem como objetivo demonstrar que o processo de formação escolar e futebolística de alunos “pés de obra” apresenta resultados não tão promissores quanto aparenta.

No mundo globalizado, o futebol profissional é tratado como um negócio lucrativo para os investidores. No Brasil, os alunos/atletas oriundos de ambientes de vulnerabilidade social – os “pés de obra” – são considerados como “mercadoria”.

Nesse contexto, os jovens dedicam-se mais à preparação futebolística do que à formação escolar. Mas as oportunidades de tornar-se um jogador bem-sucedido não são para todos.

Frente ao fracasso no esporte, restariam as oportunidades decorrentes de uma boa formação escolar. Entretanto, considerando o descaso pela educação, a consequência é o fracasso como cidadão.

Ressalte-se que o cenário descrito se insere no contexto da modernidade/colonialidade, caracterizado pela dominação do mundo europeu, em especial, sobre as regiões e populações subalternizadas, notadamente o sul global.

Diante disso, entende-se que os profissionais de Educação Física que trabalham com os “pés de obra” devam estar comprometidos com o desenvolvimento de relações interpessoais, proporcionando vivências em que os relacionamentos sejam alicerce para o autoconhecimento, respeito às diferenças, compreensão e aceitação dos limites de cada um.

Visto a grande importância do futebol no Brasil e principalmente para um grupo diferenciado (meninos e jovens futuros jogadores de futebol, normalmente oriundos de classes populares), é importante que a

sociedade, o clube, a escola, e principalmente o curso e a disciplina de Educação Física, contribuam no atendimento às necessidades e demandas desse grupo, trabalhando numa perspectiva que contemple a diversidade cultural e social desses alunos/atletas, tornando-os cidadãos e não apenas “boleiros”.

## REFERÊNCIAS

1-Amaral, T. R. P.; Thiengo, R. C.; Oliveira, S. I. F. Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional. *EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires. Año 12. Núm. 115. 2007.*

2-Antezama, L. H. J. Fútbol: espectáculo e identidad. In: Alabarces, P. (org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires. CLACSO. 2003.*

3-Bourdieu, P. *Escritos de Educação. /Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.). Petrópolis. Vozes. 1998.*

4-Bossle, F.; Lima, L. O. Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências. *Caderno de Educação Física e Esporte. Vol. 11. Núm. 1. p. 35-43. 2013.*

5-Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

6-Conceição, D. M. Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol - entre o vestiário e o banco escolar. TCC de Graduação. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais. Florianópolis-SC. 2014.

7-Damo, A. S. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002.

8-Damo, A. S. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

- 9-Damo, A. S. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 23. Núm. 66. 2008.
- 10-Dijk, T.A. El análisis crítico del discurso. *Anthropos*. Barcelona. Vol. 186. p.23-36. 1999.
- 11-Favero, P. M. Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2009.
- 12-Freitag, B. O Indivíduo em formação. 3ª edição. São Paulo. Cortez. 2001.
- 13-Gastaldo, É. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Revista Sociologias*. Porto Alegre. Núm. 22. 2009.
- 14-Giglio, S. S.; Rúbio, K. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*. Vol. 27. Núm. 3. 2013.
- 15-Gil, G. O drama do Futebol-Arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Núm. 25. p. 100-109. 1994.
- 16-Homrich, C. A.; Souza J. C. C. Para além da questão técnica do ensinar/aprender futebol: outras possibilidades. In: *Didática da educação física 3: futebol*. Elenor Kunz (org.). 3ª edição. Ijuí: Ed. Unijuí. 2013.
- 17-Loureiro, B. L. Relação do atleta e sua formação frente à sociedade. Guaíba-RS. ULBRA. 2007.
- 18-Marques, M. P.; Samulski, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio familiar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 23. Núm. 2. p.103-19. 2009.
- 19-Melo, L. B. S. Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. 2010.
- 20-Melo, V. A. O futebol sob a ótica das ciências sociais. *Revista de Administração de Empresas*. Vol. 54. Núm. 4. p. 467-467. 2014.
- 21-Mello, G. N. Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio. Colaboração: Madza Júlia Nogueira. 6ª edição. São Paulo. Cortez. 1997.
- 22-Paoli, P. B. Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos. Tese de Doutorado em Educação Física-PPGEF. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro. 2007.
- 23-Quijano, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: Lander, E. (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires. Clacso. 2005.
- 24-Rocha, H. P. A.; Bartholo, T. L.; Melo, L. B. S.; Soares, A. J. G. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. *Revista Motriz*. Vol. 17. Núm. 2. p. 252-263. 2011.
- 25-Rodrigues, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Revista Sociologias*. Porto Alegre. Vol. 6. Núm. 11. 2004. p. 260-299.
- 26-Rosa, S.E.M. Aspirante à craque de futebol hoje ou marginal do amanhã? *Revista Jus Navigandi*. Teresina. Vol.14. Núm.21-22. 2009.
- 27-Santos, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo. Record. 2000.
- 28-Santos, B. S. Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*. CEBRAP. Núm. 79. 2007. p. 71-94.
- 29-Soares, A. J. G.; Souza, C. A. M.; Vaz, A. F.; Bartholo, T. L. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. Vol. 14. Núm. 30. p. 85-111. 2008.
- 30-Soares, A. J. G.; Melo, L. B. S.; Costa, F. R.; Bartholo, T. L.; Bento, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

---

atletas e escola. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 33. Núm. 4. p.905-921. 2011.

31-Souza, C.; Araújo, M.; Vaz, A. F.; Bartholo, T. L.; Soares, A. J. G. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre. Vol. 14. Núm. 30. 2008.

32-Villena Fiengo, S. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: Alabarces, P. (org.). Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires. CLACSO. 2003.

33-Wallerstein, I. Análisis de sistemas-mundo: una introducción. México: Siglo XXI Editores, 2005.

34-Wallerstein, I. El capitalismo histórico. México. Siglo XXI. 2006.

Recebido para publicação em 10/11/2020

Aceito em 19/04/2020